



CORPO, MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE EM UM DIA COM JERUSA, DE VIVIANE FERREIRA

Sthefany Duhz Cavaca¹

Gabriela Santos Alves²

Palavras-chave:

Mulheres Negras; Cinema Brasileiro; Ancestralidade.

RESUMO EXPANDIDO

Este trabalho é um relato de pesquisa da dissertação em desenvolvimento “Presenças e Territorialidades em Um dia com Jerusa, de Viviane Ferreira” iniciada em agosto de 2024. A partir da obra cinematográfica “Um dia com Jerusa”, sob a ótica da análise fílmica (Mombelli e Tomaim, 2014) investigamos as estratégias técnicas e estéticas utilizadas pela cineasta na abertura do filme. Com apoio teórico-metodológico de feministas críticas contemporâneas como Trindade (2006, 2013), Grijalva (2020) os conceitos-chave para análise são corpo-território, memória e ancestralidade.

Em 125 anos de cinema brasileiro, tivemos apenas duas mulheres negras em direção solo de longas ficcionais exibidos comercialmente no país. Adélia Sampaio com seu filme Amor Maldito (1984), e, após 34 anos, Viviane Ferreira com o filme Um dia com

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo –Ufes, duhzcavaca@gmail.com; Titulação, curso de graduação ou programa de pós-graduação ao qual está vinculado e e-mail.

² Professora Associada do Departamento de Comunicação Social e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo – Ufes. Doutora em Comunicação e Cultura pela Eco/UFRJ. Realizadora audiovisual, gabriela.alves@ufes.br.

Jerusa (2020).

O longa conta a história do encontro de Silvia (Débora Marçal) e Jerusa (Léa Garcia). Silvia é uma jovem sensitiva e pesquisadora de uma marca de sabão em pó e para realizar a pesquisa vai à casa de Jerusa. O encontro das duas é levado a memórias e, com a sensibilidade de Silvia, este encontro proporciona experiências de trânsitos em tempo-espacorealidades comuns às suas ancestralidades.

Em toda a história do cinema brasileiro termos apenas Adélia Sampaio e Viviane Ferreira, mulheres negras a ocuparem cargos de protagonismo e liderança na indústria cinematográfica do país, com seus longas ficcionais exibidos comercialmente no Brasil, apontam para uma ausência expressiva da presença feminina negra.

A nossa principal questão da dissertação é: quais as relações do contexto sócio-cultural-político da produção do filme e quais são as estratégias técnicas do território fílmico do segundo longa-metragem de ficção dirigido exclusivamente por uma mulher negra? Para este trabalho, vamos abordar as escolhas técnicas e estéticas do início do filme.'

Fundamentação Teórica

O longa-metragem "Um dia com Jerusa" (2020) representa simbolicamente muitas histórias, mas, principalmente, conta a de Jerusa, uma mulher negra de classe média completando 77 anos e de Silvia, uma jovem negra lésbica de classe média que trabalha como pesquisadora de uma marca de sabão em pó. O filme narra um dia de encontro de duas gerações de mulheres negras que perpassam por questões de gênero, raça, classe, sexualidade, crenças religiosas, entre outras.

Em sintonia com Dorotea Grijalva (2020) entendemos o corpo como território político pois compreendemos a intersecção de raça, gênero, classe e cultura que as perpassam.

Memória e ancestralidade também são conceitos relevantes para discutirmos. Para



Azilda Trindade (2006), a memória está intrinsecamente ligada à nossa ancestralidade. É o fio condutor que liga a origem de um povo ao caminho futuro solidificado a partir de seus valores ancestrais. Trindade afirma que para a herança afro-brasileira possa se manifestar livremente a partir de um sentimento de orgulho em pertencer, é preciso enfrentar o racismo e resgatar a memória.

Metodologia

Como a análise filmica é um procedimento metodológico arrimado na observação e interpretação e não uma metodologia que possui um único formato padronizado a ser seguido, “é preciso criar o próprio caminho, desenvolver categorizações que darão embasamento para que a análise não seja uma interpretação vã” (Mombelli e Tomaim, 2014, p. 1-2).

Sendo assim, optamos, neste trabalho, apresentar as questões internas iniciais do filme, ao que se referem “aos elementos da linguagem audiovisual que darão forma ao produto” (Mombelli e Tomaim, 2014, p. 3). Ou seja, as escolhas estéticas, os conhecimentos dentro da cinematografia que foram definidos para a cena de abertura.

Resultados e Discussões

Olhando para os aspectos internos/estéticos, o longa começa com os créditos do filme junto da voz da cantora baiana Virginia Rodrigues cantando a música “Ao Senhor do Fogo Azul”. A trajetória musical de Virginia Rodrigues é afetada e evoca sua ancestralidade negra. Para Azilda Trindade (2013), a ancestralidade é o processo pelo qual as gerações mantêm e expandem o legado dos antepassados, fortalecendo, assim, as tradições, as instituições e a cultura de uma comunidade.

Nesta sequência de abertura do longa, quando Virginia Rodrigues canta o trecho “Ogum, ogum iê” é quando temos o primeiro contato com Jerusa.



Fonte: Figura 1 – Captura tela: Início do filme quando toca a música “Ao senhor do fogo azul” interpretada por Virginia Rodrigues e vemos pela primeira vez a personagem Jerusa.

Nas religiões de matriz africana, Ogum é o senhor “dos conhecimentos práticos, e abertura dos caminhos” (EUZEBIO, 2020). Para Daniela Beny Polito Moraes (2023, p. 40), Ogum pode ser interpretado como “um herói solitário que, embora seja muito próximo de seus irmãos Exu e Oxóssi e de sua mãe Iemanjá, encontra na solidão de sua força a paz, o silêncio e a força”.

Apesar das ausências, dos territórios negados, e de um caminho muito solitário, observamos a representatividade de Ogum para narrativa e de quem conta esta história com uma força de quem vai à luta com passos firmes. As mulheres negras são exemplos disto. Apesar de lidar com uma solidão momentânea, seja Jerusa em sua casa, seja Viviane Ferreira enquanto realizadora, elas não estão só. Os espaços que ocupam em suas histórias, possuem um território ancestral de muita vida e luta.

Referências

EUZEBIO, Isabela Soares. **Matrizes de religiões afriacanas:** desmistificando visões sobre macumbaria. 2020. São Paulo, Jundiaí. Faculdade de Tecnologia de Jundiaí - “Deputado Ary Fossen” (Trabalho de conclusão de curso de Tecnólogo em Eventos). Disponível em:



<<https://ric.cps.sp.gov.br/bitstream/123456789/4653/1/Isabela%20Soares%20Euzebio.pdf>>. Acesso em: 17 ago 2025.

GRIJALVA, Dorotea Gómez. **Meu corpo é um território político**. Guatemala: Zazie Edições, 2020. Disponível em: < <https://zazie.com.br/wp-content/uploads/2021/05/GOMEZGRIJALVA-5.pdf>>. Acesso em: 17 abril 24.

MOMBELLI, Neli Fabiane; TOMAIM, Cássio dos Santos. **Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos**. Minas Gerais: JF: Lumina. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Juiz de Fora, 2014, vol. 8, n 2. ISSN 1981-4070

MORAES, Daniela Beny Polito. **Ogunhiê!** A corporeidade e a poética de Ogum no Terreiro de Umbanda Aldeia dos Orixás em aproximações e distanciamentos com o trabalho do/a ator/atriz. 2023. Bahia, Salvador. (Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia). Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/37323/1/Tese%20A%20corporeidade%20e%20a%20po%C3%A3tica%20de%20Ogum.DANIELA%20BENY%20P%20MORAES.pdf>>. Acesso em: 17 ago 2025.

TRINDADE, Azoilda. **Fragmentos de um Discurso sobre Afetividade**. In: BRANDÃO, Ana Paula; TRINDADE, Azoilda Loretto; BENEVIDES, Ricardo. (Org.). Saberes e Fazeres, vol.1: Modos de Ver. 1^aed. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

TRINDADE, Azoilda Loretto da (org.). **Africanidades brasileiras e educação: salto para o futuro**. Rio de Janeiro: TV escola /MEC, 2013.

Mini currículo(s):

Sthefany Duhz Cavaca é comunicóloga social, jornalista, arquivista e mestrandona em



PÓSCOM

Programa de Pós-Graduação
em Comunicação
e Territorialidades - UFES

Comunicação e Territorialidades pela Universidade Federal do Espírito Santo. Áreas de interesse acadêmico: comunicação social e identidades femininas; gênero e racialidades; representação e representatividade feminina; teoria e crítica feministas contemporâneas; cinema brasileiro negro feminino.

Gabriela Santos Alves é Professora Associada do Departamento de Comunicação Social e Docente Permanente do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Territorialidades da UFES. Pós doutora em Comunicação e Cultura – Eco/UFRJ. Pesquisadora da Fapes/ES, Edital Mulheres na Ciência. Integra o LapVim - Laboratório de Pesquisas sobre enfrentamento à violência contra mulheres no Espírito Santo (UFES) e o grupo de pesquisa CIA - Comunicação, imagem e afeto (UFES/CNPq). Realizadora audiovisual.